

Jean Lauand em três depoimentos: dos XXV anos de fundação das revistas do Cemoroc à exponencial contribuição de sua vida acadêmica

Paulo Ferreira da Cunha¹
Silvia M. Gasparian Colello²
Chie Hirose³

Resumo: Por ocasião desta celebração do 25º. aniversário e do No. 300 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, os autores homenageiam o fundador do centro, Prof. Dr. Jean Lauand.

Palavras Chave: Cemoroc; fundador; Jean Lauand; Feusp; educação.

Abstract: To celebrate this 25th anniversary of Cemoroc's journals, the publisher has asked authors-editors (*ad hoc*) to write an article on this date. In this article, the authors present their memories of our founder, Prof. Dr. Jean Lauand.

Keywords: Cemoroc; founder; Jean Lauand; Feusp; education

Introdução

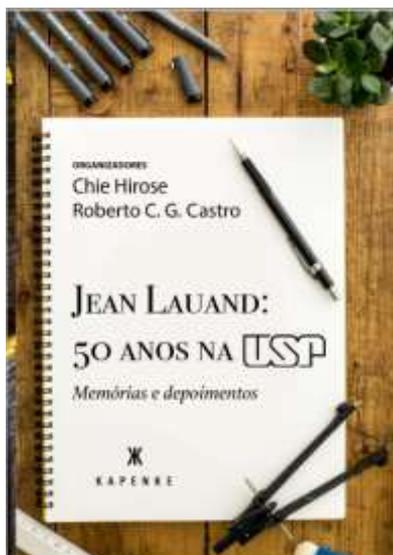
Se hoje celebramos os 25 anos das revistas do Cemoroc, em março de 2020, homenageamos – em sessão especial do XXI Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação – o fundador do Centro, Jean Lauand, em seus 50 anos de USP (ingresso como aluno em 1970 e, como docente, em 1981). Na ocasião, foi lançado um livro, organizado por Chie Hirose e Roberto Castro, que reuniu depoimentos de vários ex-alunos, além de intelectuais brasileiros e estrangeiros sobre sua trajetória.

Por diferentes lentes e por perspectivas diversas, a obra procurou recuperar a trajetória de Jean Lauand (JL), marcando o humanismo de sua personalidade, a generosidade como diferencial inegavelmente impresso no círculo de relações interpessoais, o brilho das contribuições acadêmicas e a genialidade de suas produções em inúmeros campos do conhecimento.

¹ Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, Professor Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (em licença para o exercício daquele primeiro cargo). Diretor (licenciado) de Relações Internacionais do – CEMOrOc/FEUSP.

² Educadora com mestrado, doutorado e livre-docência pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Vinculada ao programa de pós-graduação dessa mesma instituição, é também diretora acadêmica do Centro de Estudos Medievais Oriente-Occidente – CEMOrOc/FEUSP.

³ Doutora em Educação pela Feusp, com dois Pós-Doutorados nessa mesma Faculdade. Mestre em Antropologia pela Universidade de Hiroshima. Professora alfabetizadora da Prefeitura de São Paulo. Diretora de relações com a Escola Pública e Diretora científica de eventos do CEMOrOc/FEUSP.



Neste aniversário especial do Cemoroc, a *editor* deste No. 38 de *Convenit Internacional* julgou oportuno estender a homenagem ao fundador e presidente do Centro reapresentando, neste artigo, nossos depoimentos publicados no livro (e gentilmente autorizados pela Editora Kapenke). Ao recuperar os depoimentos em português dos diretores do Cemoroc (Paulo Ferreira da Cunha, que analisa o intelectual JL; Silvia Colello e Chie Hirose, que destacam a figura de seu mestre e grande educador), não poderíamos deixar de mencionar os demais autores, que, em pequenos boxes e de forma tão significativa, integram a nossa homenagem.

Jean Lauand e a universidade do nosso tempo

Paulo Ferreira da Cunha

Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (suspensão devido ao exercício daquele primeiro cargo).

Ainda há uns meses, completamente inserido no ambiente acadêmico, se tivesse sido convidado para esta obra coletiva, eu tenderia a pedir pelo menos um ano de prazo (o que me pareceria razoabilíssimo) para investigar a obra inteira de Jean Lauand (que é imensa: um ano não seria muito). Mesmo se, como eu, seguisse o seu trabalho, um acadêmico necessitaria de tudo rever, reler, reponderar...

E depois de reler tudo o que reli e ler o que me faltava, sempre munido ainda de fichas de cartolina, e caneta em punho, tirando apontamentos e colhendo citações, eu tentaria elaborar um ensaio muito sábio (pelo menos muito documentado e erudito) sobre a contribuição, o legado, desse grande vulto do Saber.

Porém, a minha vida mudou. O fôlego e o ritmo passaram a ser outros. Compreendi nos últimos meses que *qui mieux abreuve, mieux preuve*. E por isso não vou (aliás, creio seria pretensioso e redundante) falar sobre a imensa e decisiva obra de Jean Lauand. Mestre de Mestres, Amigo excelente.

Tantos temas poderiam, monograficamente, convocar a minha atenção... E qualquer deles relevantíssimo!

Sempre de cor, lembro, por exemplo, a importância dos seus estudos de didática (mas didática com filosofia) da Matemática (ou sobre o xadrez), sobre Tomás de Aquino – não com hagiografia, mas com filosofia e teologia (e como deu relevo ao Humor e a uma renovada, mas legítima e clássica, teoria das virtudes e dos vícios – a começar pela Acídia), sobre a Língua, não só a Língua portuguesa como o tupi-guarani, desde logo (e o estudo das suas interessantíssimas cosmovisões, pela língua traduzidas, nela plasmadas, operando com um *corpus* alargado e irreverente, incluindo muita música brasileira contemporânea, que é um repositório riquíssimo), etc., etc..

Os artigos e livros de Jean Lauand são de uma erudição arrasadora, acabrunhadora mesmo, estou certo, para o académico invejoso, e ao mesmo tempo de uma leveza atrativa, com um estilo desprezioso, cativante, de uma naturalidade nada pomposa. Ao lermos Jean estamos a ouvi-lo, é a sua estória do Mundo que ele está contando.

Seria uma tentação tirar uma sabática e dedicar-me apenas a essa tarefa de estudar Jean Lauand. Espero, aliás, que em breve comecem a aparecer teses de mestrado e doutoramento sobre a sua obra.

Apenas a marginalidade (e auto-complexo de inferioridade) dessa “cultura ameaçada” (hoje mais que isso, já muito subalternizada), a luso-brasileira (melhor, lusófona), é que permite que vultos como Jean Lauand não sejam celebradíssimos permanentemente pelo mundo fora. Tivesse ele nascido mais a Norte e a sua língua materna não fosse o Português, evidentemente que os fados e as trombetas da Fama estariam permanentemente ecoando em seu louvor.

Não sendo isso que interessa, em si mesmo (a Fama é um ouropel), a verdade é que há nessa situação de renome algo que importa: que é a mais eficaz e alargada transmissão das ideias. As ideias do nosso homenageado importam muito, e é uma pena que não sejam mais conhecidas ainda, apesar de tantos reconhecimentos que internacionalmente vai tendo. Não nos podemos esquecer que (começo *pro domo*), além de Pesquisador emérito do Instituto Jurídico Interdisciplinar, instituição ligada à Universidade do Porto (infelizmente recentemente extinta, mas de que foi membro desde a criação – durante quase 20 anos), é Académico em várias grandes instituições, professor com todas as honras pelo mundo fora, etc.. Permito-me não citar, que são muitas e relevantes. Mas o nosso homenageado mereceria ainda mais e em quadrantes geográficos e culturais mais vastos ainda. Chegará o tempo.

Pois bem. Não será da obra propriamente que falarei. Tentarei, de seguida, um cotejo entre a Universidade de hoje e a figura, o exemplo, de Jean Lauand. E isso em três tópicos: Da Amizade, Da Fama e Da Excelência. Seguindo o plano tripartido à francesa, que aprendi com os elegantes ensaios de outro grande vulto, também à espera de mais celebração, François Vallançon.

Aliás, um dia terão que se encontrar, porque... *les beaux esprits se rencontrent...*

I. DA AMIZADE

Nas minhas andanças académicas, contaram-me que, em universidades da Alemanha, diriam que Deus criou o Professor e o Diabo o *caro Colega*. Não pude nunca confirmá-lo, por mero acaso de oportunidade (ou falta dela). Pude verificar, isso sim, que os franceses não ficariam atrás: em França, um professor poderia dizer de outro – “amigo, ainda que colega” ou “apesar de colega”.

A amizade entre docentes universitários não é um assunto fácil. Agora que estou afastado das lides académicas, creio ao mesmo tempo dever manter o meu recato de juiz e ser bom julgador, distanciado, imparcial. Mas o assunto não é fácil.

Há decerto que enquadrar o problema na complexa condição docente.

Como outras profissões que se exercem nas chamadas “instituições totais”, onde outrora se estabeleciam complexas (hoje ainda há algumas) “relações especiais de poder”, a de professor universitário leva, em geral (felizmente há grandes exceções, belas exceções), a um ensimesmamento intrigante, a um narcisismo que chega a ser pungente, a uma vaidade olímpica.

Talvez seja, em muitos casos, a falta de diálogo entre docentes (felizmente vai melhorando muito, porque o trabalho de equipa é, cada vez mais, uma necessidade... e em muitos casos uma imposição). Nunca vi falar-se tanto em reuniões como nas academias. Nem mesmo no mundo da política, em que a perda de tempo com palavras avulta (e mesmo a estratégia de usar palavras para criar situações e iludir coisas se revela primacial, como é bem sabido: e em certos casos até exagerado), presenciei tão intermináveis reuniões. E uma interessante vontade de deixar claro, e em ata, o que se disse e advogou, assim como precisar, e muito claros, os próprios pontos de vista. Uma exigência de rigor muito louvável, mas um consumo de tempo bastante considerável.

A alta função universitária pode subir muito à cabeça. E porque nem todos podem ser prémios Nobel, colecionadores de doutoramentos *honoris causa* (os célebres *Prof. Dr. Dr. Dr. h.c. multipl.* não são para muitos), receber medalhas semanalmente, ou repetidos convites para as televisões, honras de paraninfo diuturnas, como nem todos podem ser amados pelos estudantes (notadamente com classificações altíssimas nas avaliações do “desempenho”), a profissão docente presta-se também a muitas frustrações, sonhos jamais concretizados, e um sentimento de incompreensão profundíssimo.

O docente universitário muitas vezes julgava-se, mais que um Bismark no seu salão, vero dono e senhor do Universo, que fazia e desfazia com a sua palavra (ou o seu *powerpoint*) na sua sala ou anfiteatro.

Evidentemente que, hoje em dia, estudantes que não podemos considerar nem menos dóceis nem mais revolucionários (como eram os dos maíos de 68 e afins), mas fundamentalmente mais autistas às coisas que mais profundamente interessam e sobretudo muito menos educados, colocam muito em risco a *auctoritas* do professor que, quase desprovido de *potestas*, pode chegar a ter dificuldades em manter a aula sequer sentada. Pelo menos, é esse o título de um livro de um antigo ministro da Educação em Portugal: *Difícil é sentá-los*. Por mim, falo metaforicamente, como é óbvio.

Esses revolucionários (de quem chegamos a ter saudades: bem ou mal, punham em causa ideias, não se moviam por caprichos ou por afirmação do *status*), que Allan Bloom, creio que no seu *Gigantes e Anões*, em parte já via sentados nas mesmas cátedras que, de algum modo, no seu tempo, tinham abalado, terão sido por vezes agressivos, mas não eram boçais, nem sem maneiras, nem arrogantes. Muitos de agora têm a autossuficiência de quem julga não precisar de nada saber e serem os professores nada mais que seus criados. Aliás, é essa a origem dos “pedagogos” no mundo clássico.

Aliás, o problema da servidão docente é um dos essenciais no nosso tempo. O docente de uma Universidade cujo prestígio é aferido por *rankings* internacionais que não controla minimamente (chega a ser divertido ver, nas redes sociais, graves universitários a torcerem pela sua camisola num despique entre *rankings*...), cujo

financiamento dependa não do Estado e da sua equanimidade (e do seus sentido de interesse e serviço públicos), mas de flutuações do mercado, da bolsa, ou das propinas dos alunos (que assim precisa de conquistar como a simples clientes) não pode deixar de ser servo, se não mesmo escravo... [N. dos E.: “propina”, em Portugal, é taxa de matrícula dos estudantes e nada tem que ver com atos ilícitos].

A Universidade, cuja autonomia medieval era uma realidade, o que muitas vezes a levava a pura e simplesmente transferir-se de cidade, com armas e bagagens, proclama por vezes teoricamente essa situação, mas está cada vez mais dependente de uma opinião pública que é a *opinião que se publica*, e de quem a paga.



PFC e JL na cerimônia de lançamento das revistas Coepta (2018), de jovens autores.

A Amizade é um sentimento e uma vivência entre pessoas livres, independentes, e com algum ócio para a poderem cultivar. E ócio (que é, aliás, como bem se sabe, o *principium* da Filosofia), pelo menos desde Séneca, está associado a dignidade. Liberdade, Independência, Ócio, Dignidade, tudo coisas que muito dificilmente conseguimos usufruir no mundo atual de cretinismo tecnológico, de que já falava o sociólogo Jean Duvignaud. Assim, a Universidade atual, levada ao seu tipo-ideal e última potência, no *stress* quotidiano das classificações, das avaliações, dos *rankings*, estratificada, hierarquizada (embora com enviesamentos), com servidões, não permite que se cultive a Amizade, porque é local de instalada *guerra de todos contra todos*, como diria Hobbes.

Alheio à vaidade pessoal, sem quaisquer pretensões de poder, devotado à sua função de pesquisador e professor, Jean Lauand fez e continua fazendo grandes seminários internacionais (inicialmente, parece que achou que esse tipo de iniciativas não era “a sua praia”, mas viu-se que é, só que uma praia bem especial, bem diferente da massificação e da ostentação fúteis), fundou o CEMOrOc, que é um centro modelar, sem dependências servis e politicamente corretos, e estabelece com os colegas e discentes uma relação de igualdade, paridade, naturalidade. Claro que ressalta o natural ascendente do sábio. Mas ele tem um posicionamento simpático, maleável, sem qualquer perda da dignidade, sem qualquer hipocrisia. É transparente. É ele mesmo. Uma ou outra vez não disfarça a impaciência ou a indignação justa – não chega nunca a ser a cólera dos justos. E então pode sair-lhe mesmo uma impreciação,

mas sempre acompanhada de um sorriso nos lábios e no olhar vivíssimo, claro e clarividente.

É natural que uma pessoa de uma só peça, de uma só cara, de um só parecer (para lembrar o retrato de Sá de Miranda de quem não é cortesão) suscite a antipatia de alguns untuosos e falsos mandaretos de corte, mas em contrapartida é ídolo de estudantes e colegas puros de coração, que buscam a Universidade pelas boas razões. Fica-se verdadeiramente contente, mesmo entusiasmado (etimologicamente) com uma sensação de realização efetiva de um alto Valor (para recordar a axiologia de Johannes Hessen), quando se participa nos seminários de Jean Lauand, sobretudo nos mais recentes, com mais seleta participação, e se vê a forma carinhosa mas natural e descontraída (não subserviente) com que Mestre, Colegas e Discípulos se relacionam.

Jean Lauand bem pode considerar-se feliz e realizado, porque conseguiu o que raríssimos alcançam: tem discípulos que estudam, veneram e continuam a sua obra, e que verdadeiramente o admiram e são seus Amigos. Tem Colegas que o respeitam e admiram, que com ele dialogam, que o reconhecem como um grande entre grandes. E que não o invejam nem apunham pelas costas.

E nós estamos felizes por termos Jean como um marco importantíssimo nas nossas vidas, uma presença disponível, flexível, sem complicações nem burocracias, um amigo para todas as ocasiões. Uma pessoa boa, como já não se consegue facilmente encontrar. Em que a inteligência não se traduziu nem em amargura, nem em confusão, nem em narcisismo. Pelo contrário: que vai sempre crescendo em inteligência e em dádiva aos outros.

II. DA FAMA

Vivemos um tempo de poluição, ruído, ostentação, vaidade e em grande parte contrafação académicas. Os critérios de julgamento público dos académicos são em grande medida distorcidos pela sua fama mediática (o que não quer dizer que não haja comunicadores e pessoas com “boa imprensa” com muito valor), que se pensa seja ditada pelos conhecimentos e influências pessoais, políticas e afins. Ou meramente pela sorte de um nariz ter agradado ou não...

Nas redes sociais, a mediocridade não paga imposto e desfilam pseudo-famas académicas de fazer chorar ou estoirar em riso, pelo ridículo. O natural desconhecimento generalizado por parte do público leigo do mundo universitário, das suas carreiras, procedimentos, títulos e graus académicos, à mistura com mais ou menos sutis manipulações de factos e *curricula* (mais ainda se envolvendo intercâmbio ou mudança de países, em que a tradução e equivalência das situações é tudo menos clara) propiciam grande confusão, pela qual se elevam os que descaradamente se promovem a si próprios. Chega a ser deprimente tanto foguetório de autopromoção.

Mesmo publicar ou não publicar (que é um critério mais sólido para se aquilatar do que vale um estudioso) se vai tornando uma roleta cada dia mais complicada, em que acabam por ficar nas gavetas, por falta de editores ou falta de alguns editores, muitos escritos que ninguém garante que sejam piores do que os que são editados. Algo me segreda até que poderão ser melhores, só que fugindo ao gosto medíocre para que se dirigem os especialistas em marketing e análise de mercado que parece comandarem opções de edição. *Remontrance à la ménagère...*, livro notável de Bernard Pivot, talvez esclareça o problema. Já Theodor Adorno, na *Minima Moralia*, explicava que numa conversa tudo acaba por baixar o nível até ao da pessoa menos

letrada, menos interessante, menos inteligente... Tudo é empurrado por uma força da gravidade que deixa cair o nível.

As televisões aclamam hoje umas tantas celebridades, algumas sem dúvida com interesse (era o que faltava!), mas em parte meros *entertainers*, alguns sem graça nenhuma, e outros com graça muito duvidosa...

A própria Universidade, como se dizia num comercial televisivo invocando a “tradição”, *já não é o que era*. Algumas Universidades resistem galhardamente: temos tido essa sorte. Mas muitas, pelo mundo fora, já aceitaram ser supermercados de aulas, quando não de diplomas, ao mesmo tempo que entram em competição por quem paga salários menores, despede mais, admite professores mais baratos. O lema parece ser o de que *o cliente tem sempre razão* – e o cliente é o estudante, que pode estudar muito pouco. É pena que estudantes que poderiam ir longe nos estudos, no seu aperfeiçoamento, preparação técnica e cultura, nunca conviveram, durante a Universidade (como lhe chamam: na verdade trata-se de outra coisa), senão com aquelas comodidades adventícias que contudo eram importantes para um Hegel: bares circundantes com boa cerveja. Concede-se: e talvez um pouco mais. Mas, em geral, mesmo bons professores têm um certo pudor em dar aulas de nível universitário, e quanto a avaliar, estamos conversados. Há um livro significativo sobre este estado de coisas: Hamilton Werneck, *Se Você Finge que Ensina; Eu Finjo que Aprendo*, 11.^a ed., Petrópolis, RJ, Vozes, 1992.

Ao mesmo tempo, e paradoxalmente, com um *sucateamento* do nível de ensino e o abafar da qualidade, até por auto-repressão, com a argentarização do “serviço”, andam muitas universidades num cirandar alucinante pelos *rankings*, pelas classificações (que sempre serão melhores para quem inventou as regras), e nisso, também, escravizam os docentes que devem publicar ou perecer (*publish or perish* – é o grande lema), e publicar em revistas selecionadas, com notas previa ou posteriormente decididas, num jogo de produção e pontaria complicado, extenuante, e sem sentido. Porque, como é óbvio, se já não estamos no tempo em que se poderia ser professor sem ter publicado ou mesmo escrito quase nada, não é um amontado de artigos (curiosamente, os livros contam em muitos casos menos que artigos – o que é um espanto) que define a qualidade de um pesquisador. Mas evidentemente que a quantidade é rainha neste reino sem fins...

O paradoxal, mas de um paradoxo saudável, é que autores como Jean Lauand são completamente alheios às sereias da Fama e suas servidões, são indiferentes às metas de produtividade, à compulsão de escrita e publicação, e contudo não deixam de, por um lado, obter reconhecimento (desde logo dos que os veem como verdadeiros intelectuais, que os sabem destacar das contrafações) por criar e criar muito e bem.

A chave da criação de Jean Lauand é simples, e não receio revelá-la, porque sei que é comum a todos do seu género. E não o sei porque ele me tenha confiado, mas porque me atrevo a dizer que ela é óbvia e espelhada por toda a atividade do Mestre. Jean Lauand trabalha muito, e trabalha muito bem por uma razão apenas: porque ama o que faz. Faz o que gosta, e, por isso, o trabalho é para si prazer também. Não lhe custando (embora todo o trabalho importe em algum “suor do rosto”, é certo), amando Jean Lauand o que faz, como não fazer muito, e bem, quando se tem a preparação e a qualidade intrínseca?

Enquanto alguns precisam da recompensa do dinheiro e / ou do renome para aguentarem a tortura do seu trabalho (*tripalium*), que na verdade não apreciam, não valorizam, com que não se identificam, Jean Lauand é desses que bem pode ser indiferente a esses “pagamentos” (o que não quer dizer que não seja grato pelas honras merecidas e bem atribuídas). O seu pagamento já ele o teve na própria obra que fez, e

está fazendo. O resto surge por acréscimo. É essa gratuidade que dá uma sensação de que está em paz com a vida (apesar de estar longe de ser um acomodado).

Podem certos docentes ser sisudos sacerdotes de um *decorum* pomposo, mas nunca provarão do fruto da *sapida scientia*. Jean Lauand sabe ser diplomático e tem toda a escola da delicadeza e das cerimônias acadêmicas, mas um gosto mesmo é vê-lo à mesa com os amigos, discorrendo de altas filosofias tanto citando uma canção popular ou uma passagem da *Summa Theologiae*, num bom rodízio gaúcho. Isto não o apouca como intelectual, como acadêmico. Isto nem sequer o “humaniza”. Isto eleva-o, porque sabe naturalizar o Saber. Nele, verdadeiro intelectual, o Saber não é uma vestimenta apertada e dura, uma couraça postiça, que se coloca na solenidade acadêmica de uma vida falsa, de uma máscara que já nem oculta rosto nenhum. Nele, o Saber vive-se como quem respira.

III. DA EXCELÊNCIA

Não acredito que todas as épocas sejam iguais. Estou persuadido que o nosso tempo põe especiais reptos aos que, largando as tentações de ofícios mais prestigiados (hoje o prestígio das Universidades ainda se mantém na Alemanha ou no Japão, mas em muitos países decaiu profundamente, e a culpa é sobretudo exógena, de sociedades sem memória, sem maneiras, sem gratidão, e sem educação – é incrível como pessoas inteligentes e cultas já se habituaram a desvalorizar o ofício e o múnus docente), se decidiram pelo sacerdócio do estudar e ensinar.

Com a massificação do ensino, e em especial do ensino ainda dito universitário (que não é uma verdadeira democratização, que seria desejável, mas uma banalização argentarista e demagógica), dizem-nos que proliferam professores demagogos, sem conteúdo, muito fracos, medíocres, psitacistas, devedores de textos e *powerpoints* alheios, que leem nas aulas, etc., etc.. Acreditamos, porque muitos alunos parecem ser fruto desse mau ensino que, não ensinando, não exige, não avalia, e indiscriminadamente aprova pessoas muito mal preparadas. Os erros médicos, de engenharia, informáticos, para não falar nos jurídicos, erros de ciência uns, e de ética outros, ou ambos conjugados, são talvez agigantados na comunicação social sensacionalista. Mas não há dúvida que existem, e fica-se com a sensação de que crescem. Algo estará mal na aprovação de clínicos que deixam morrer doentes que se poderiam salvar, de engenheiros cujas pontes ou até edifícios não se aguentam de pé, de computadores que passam a vida a ter problemas, de inocentes condenados e culpados libertos, e clientes mal defendidos ou representados. Há uma sensação de insegurança, já, em pessoas que procuram os melhores especialistas ou o estrangeiro (em cada país se acha que o estrangeiro é melhor – o que é curioso) porque têm medo de ser mal servidas pelo comum dos diplomados nacionais. E se falarmos em (por exemplo) sapateiros, mecânicos, canalizadores, eletricitas, e mil e uma outras profissões, compreendemos que antigos mesteres correm riscos, e alguns têm a sensação de que falta hoje brio profissional em muitos.

Tudo vem de muito antes, de competências básicas: “Um estudo conduzido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, que coordena o PISA, constatou que apenas 9% dos alunos de 15 conseguem diferenciar fatos de opiniões.” – pode ler-se num artigo de Juliana Blume (ed. *online*: <https://hypescience.com/assustador- apenas-9-dos-adolescentes-conseguem-diferenciar-fatos-de-opinioes/>, consultado em 2 de janeiro de 2020).

Há, contudo, milagres. Todos os anos em que lecionei, e foram umas dezenas, quase quatro, tive estudantes brilhantíssimos. Não foram nunca muitos. Mas sempre uns tantos. E sempre tive também (mas fui um professor com sorte) um número

razoável de bons ou regulares alunos. O maior problema é que se vão deixando passar, nem que seja pelo tempo (ou por “usucapião”), um conjunto decerto crescente de pessoas sem competências específicas, técnicas, e mesmo (o que é ainda pior) sem competências cognitivas, de expressão, e outras, básicas. Ou seja: *quod natura non dat, Salmantica non prestat*.

Jean Lauand não é só um professor amado pelos seus discípulos diretos, respeitado e considerado pelos seus colegas, é também um ídolo para muitos e muitos daqueles estudantes que, não sendo particularmente vocacionados para a pesquisa, um dia passaram pelas suas aulas. E aí temos um novo curioso paradoxo: não sendo Jean Lauand daquele tipo de professor demagogo, populista, ou galã (que tanto colhem os favores do público discente atento a superficialidades), encontra contudo uma via de comunicação com o público geral das aulas, certamente na sua autenticidade e na forma natural e não pedante ou hermética como transmite o seu sério, rigoroso e enorme saber. Enquanto outros investem na imagem, na sedução difusa, no verbalismo fácil (e muitas vezes politiquero), no marketing pessoal, enfatizando as ilusões do poder, da fama, do prestígio, as promessas de boas relações para os alunos, etc., Jean Lauand consegue uma proeza única que é a excelência da qualidade de ensino e da partilha da pesquisa através de uma forma simples, clara, natural, não pedante. Certamente o aluno que jamais foi valorizado, que sempre achou que a alta cultura era, por definição, algo de que estava excluído, ao ver a forma impecável, rigorosa e ao mesmo tempo despreconceituada e desataviada, da lição de Jean Lauand fica rendido à sua pedagogia.

Mas não se pense que há qualquer vulgarização nessa pedagogia. É precisamente o contrário. O Mestre é, na verdade, um perigo para o *bluff* universitário. Como para o *bluff* cultural em geral. Ele mostra o que está por detrás da cortina da portentosa máquina do Mágico de Oz. Os mágicos de Oz são apenas manipuladores de uma máquina de prodígio. Em si, são medíocres...

Ao contrário dos mágicos de Oz, Jean Lauand não tem receitas mágicas (de algibeira) para o Leão, o Espantalho, ou o Homem de Aço, ou para a pequena Dorothy. A receita não existe. É claro que num mundo dominado pela indústria da auto-ajuda (a muitos níveis) e pelas celebridades de pacotilha, pode para alguns ser dececionante não ter um guru que aponte soluções. Jean Lauand aponta a única solução para a cultura, o saber, e, afinal, para a própria vida (porque uma coisa e outra são instrumentos de lidar com ela, de a viver bem): a autenticidade, a procura, a seriedade, o labor jubiloso.

Ninguém está obrigado a ser universitário, intelectual, pesquisador, a fazer teses, artigos, a dar aulas e palestras, etc. Uma coisa é dar a provar dessa árvore de Ciência, outra coisa é fazer alguém participar da própria Ciência. São coisas diferentes que muitos confundem.

Para os que tiveram a sorte de contactar com o Professor Jean Lauand como alunos, ficaram a entrever o mundo maravilhoso de uma vida honesta, decificada jubilosamente ao saber. Para os que tiveram a talvez ainda maior sorte de com ele participarem na grande fábrica do saber, puderam pelas suas mãos beber da água lustral de fontes não inquinadas. Puderam viver a realidade possível e, mais que possível, real, de um Saber intrínseca e verdadeiramente vivido, não uma flor na botoeira para enfeitar vaidades e discursos, mas uma exigência e um desafio constantes: o desafio do honesto estudo.

Jean Lauand escreveu há muito tempo, e repetidamente, sobre o sentido (os sentidos) do agradecimento e respetivas palavras, em várias línguas, sempre inspirado pela lição de Tomás de Aquino. João Caetano, um grande amigo também, que é um

admirador incondicional do Mestre, escreveu um artigo “Obrigado, Jean Lauand”. Há um agradecimento maior que nem se agradece. Não sei como o dizer. Há aquele sorriso fraternal de cumplicidade, de quem sabe que se está a remar para o mesmo lado do Bem no Mundo, e que todas as vaidades, perfídias, corrupções, decadências, não são capazes de valer contra a simplicidade de fazermos o nosso dever, e de o fazermos com entusiasmo e sermos felizes nesse labor.

Porto, Epifania, 2020.

Jean Lauand: o mestre, o amigo e a intelectualidade contagiante

Silvia M. Gasparian Colello

(docente da FEUSP)

1981. Estávamos no último ano de Pedagogia da Faculdade de Educação da USP, já com os olhos voltados para a inserção no mercado profissional. Juntas, a ansiedade para colocar em prática a formação universitária e a insegurança para enfrentar a realidade da vida escolar pareciam compatíveis com as expectativas muito objetivas do grupo: como compensar a falta de experiência em um novo (muitas vezes, o primeiro) emprego? Como fazer um bom planejamento de ensino? Como mobilizar a atenção dos alunos em classes tão numerosas? Como lograr uma efetiva aprendizagem com públicos de diferentes idades e segmentos? Qual a melhor forma de alfabetizar ou de ensinar as tabuadas? Nesse cenário de preocupações tão concretas, entra em sala o Prof. Jean Lauand, recém contratado pela Faculdade, para assumir a disciplina de Filosofia de Educação.

A primeira inquietação da turma: “Ora, o que a Filosofia pode fazer por nós em um momento como esse?”. Assim que ele se apresentou, a inquietação virou um grande susto: “um professor com formação em Matemática? Qual é o sentido de fazer mais e mais contas no momento de (supostamente) encerrar a nossa formação pedagógica?” Com base nas experiências (até válidas) que, até então tínhamos tido na Universidade, Filosofia era a história de pensamentos e de pensadores (uma boa disciplina introdutória, mas talvez não como finalização do curso); Matemática, no programa da Faculdade, era estatística, considerações sobre o planejamento da economia escolar ou do financiamento da educação. Definitivamente, a perspectiva de uma “Filosofia com abordagem Matemática” estava muito longe de nossas demandas e necessidades momentâneas!

Apesar do susto, bastaram algumas aulas para perceber o propósito do novo professor. Jean tinha vindo à Faculdade de Educação com o firme objetivo de promover uma compreensão mais ampla do mundo; queria dar sentido à nossa profissionalidade; seu plano era provocar abalos epistemológicos para que pudessemos captar a Filosofia como uma experiência do *mirandum*, do ad-mirar, de um novo olhar de redescoberta da maravilha da realidade cotidiana, principalmente

por meio da recuperação da transparência da linguagem. Suas aulas funcionaram, literalmente, como um “desvelar” (tirar o véu) de jovens mentalidades, enriquecendo nossos campos de visão. Nesse contexto, a própria formação e a perspectiva profissional passaram a fazer muito mais sentido. As aulas terminavam e nós continuávamos a discussão sobre os temas trazidos pelo Prof. Jean. Ninguém mais tinha pressa para ir embora. Os alunos corriam à biblioteca ou ao Xerox (muitas vezes, as leituras indicadas eram artigos de jornais ou artigos ainda não publicados escritos pelo próprio professor) para conseguir os textos das próximas aulas e os conteúdos deles passaram a ocupar espaço privilegiado até mesmo no cafezinho dos intervalos.

Sobre esse impacto, vale perguntar: como aquele professor, tão jovem, conseguia tal movimento reflexivo junto à turma? A resposta é simples (e, ao mesmo tempo, se tornou uma das mais importantes lições da Faculdade de Educação para os formandos daquele ano): contagiando os estudantes pela inquietação de aprender, duvidar e perguntar, vendo o mundo com “novos olhos”, envolvendo os futuros educadores no desafio de conhecer e produzir conhecimento. Jean Lauand, desde aquela época, já revelava a sua “marca registrada” – trabalhar e fazer trabalhar, não pela obrigação, mas pelo entusiasmo. A sua participação em ou organização de aproximadamente 400 eventos acadêmicos, a marca de cerca de 100 livros publicados ou organizados, assim como outra centena de textos em jornais e revistas, os muitos prêmios, e, ainda, o montante de 375 artigos em revistas científicas no Brasil e em muitos outros países são apenas uma amostra desse surpreendente potencial de produção. Uma produção que, para não mencionar os efeitos em uma legião de alunos em diferentes cursos e universidades, multiplicou-se particularmente nos trabalhos de seus 58 orientandos de conclusão de curso, especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Mesmo sem ter sido diretamente sua orientanda, tive o privilégio de, nos últimos 40 anos, participar dessa onda de mobilização intelectual, sendo uma testemunha ativa do mencionado lema Jean – “trabalhar e fazer trabalhar” (com entusiasmo!).

Nos últimos dias da nossa disciplina de Filosofia de Educação, ao dispensar a turma, o jovem professor me pediu para esperar: “temos que conversar”. Sem ter tido a chance de me descartar das preocupações muito objetivas da vida profissional e, no momento, já esperando uma “bronca” do mestre (a suspeita de que, para ter sido chamada, eu deveria ter dito ou feito alguma coisa inadequada), ele me surpreendeu com a argumentação de que eu deveria continuar estudando e optar pela pós-graduação, uma ideia que certamente não tinha passado pela minha cabeça. Essa conversa fez toda a diferença na minha vida, definindo a minha trajetória profissional. Ao longo dela, o Prof. Jean me acompanhou com muita proximidade não só integrando as minhas bancas de mestrado, doutorado, concursos de efetivação (ingresso à carreira docente) e de livre-docência, mas pela convivência amiga e cúmplice nos momentos mais turbulentos.

Na vida acadêmica, o professor se tornou, em menos de um ano (com o meu ingresso como docente da FEUSP), meu colega de trabalho. Entre tantas parcerias, vale lembrar a minha motivação para traduzir uma pequena amostra do “*Manuel pour mon fils*” de Dhouoda, um dos primeiros manuais de educação, escrito entre 841 e 843. Esse texto integrou uma das primeiras obras do Prof. Jean, “Educação Teatro e Matemática Medievais” (São Paulo: Perspectiva, 1986). Muitos anos mais tarde, ele também integrou um trabalho meu (“A escola e a produção textual: práticas interativas e tecnológicas”. São Paulo: Summus, 2017), escrevendo um belíssimo prefácio do qual eu muito me orgulho.

Para além dos ricos debates e das parcerias acadêmicas (eu e o Jean chegamos a ministrar disciplinas em conjunto na FEUSP), da convivência no grupo de estudo e pesquisa Cemoroc (Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente do Dep. de Filosofia e Educação da FEUSP), dos trabalhos editoriais e, mais recentemente, da colaboração nas iniciativas de publicação de jovens estudantes (as revistas *Coepta*, das quais muito nos orgulhamos, que se consubstanciaram já em quatro alentados volumes de revistas do nosso Centro: <http://www.hottopos.com/convenit30/index.htm>, <http://www.hottopos.com/convenit31/index.htm> e http://www.hottopos.com/isle34_35/), a seu lado, tive sempre a voz do equilíbrio e o acesso a um modelo de figura humana exemplar; tive a sorte de poder conviver com esse pesquisador competente e de aprender com a sua seriedade intelectual.

Na vida pessoal, ele soube compreender um momento de fragilidade quando, por conta da doença de meu filho, eu quase desisti da vida acadêmica. Com o seu apoio, eu pude reencontrar o meu rumo. Anos depois, o seu incentivo também foi fundamental para eu assumir o desafio da livre-docência.

A sala 218, que eu compartilhei durante muitos anos com o Jean na Faculdade de Educação, era um verdadeiro oásis na dura realidade da vida acadêmica. Lá, enquanto cada um corrigia suas pilhas de provas no calor de dezembro ou no frio de junho, a gente providenciava um refrigerante gelado ou um chá quente para aliviar o peso do trabalho. Os bons amigos e alunos, de um ou de outro, eram sempre bem recebidos com esses mesmos mimos, mas confesso que também, em alguns momentos, desenvolvemos estratégias para nos livrarmos rapidamente daqueles que só queriam atrapalhar a paz e a alegria do nosso trabalho. Entre as montanhas de arquivos e livros de Filosofia, História, Educação e Psicologia que atulhavam as prateleiras daquela pequena sala, havia um espaço para outras leituras de comum interesse e até mesmo para toda a coleção do Asterix (no original em francês), tabuleiro e peças de xadrez (também para checar as partidas de xadrez medieval, que publicou em seu livro “O xadrez na Idade Média”), gibis em latim etc. Foi lá, na 218, que, as vésperas de depositar a minha tese de doutorado (eu diria: “aos 45 do 2º tempo”), definimos juntos, em meio a uma lista imensa de possibilidades, o título daquele trabalho. Lembro-me também de acompanhar, durante meses, a árdua preparação da sua aula para o concurso de titular “*Logos ludens*, o Deus que brinca em Tomás de Aquino”.

Esse trabalho é, aliás, um exemplo da ousadia do Jean-pensador-pesquisador-docente e da originalidade de seus temas de investigação. Enquanto a psicologia moderna se esforça para situar a brincadeira como uma grande novidade no processo educativo fundamentando essa relação, o professor Jean resgatou com maestria as raízes dessa concepção na história da educação. Por isso, já trazia para suas aulas e publicações temas como os curiosos usos da linguagem, as adivinhas e charadas na Idade Média, os provérbios árabes, o potencial dos jogos no processo educativo, a força das etimologias e alegorias na constituição das culturas e dos princípios pedagógicos. Quando essas abordagens são tomadas nos devidos contextos de época, é possível “aproximar tudo com tudo” como, por exemplo, evidenciar o platonismo no mundo de hoje juntando o grande filósofo grego às canções de Paulinho da Viola (<http://www.hottopos.com/geral/naftalina/poet.htm>), estabelecendo um paralelo entre a Regra de São Bento e “Se eu quiser falar com Deus” de Gilberto Gil (<https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/16134/>), o sentido da educação e da própria Filosofia aos poemas de José Gilberto Gaspar ou de Adélia Prado, e até o sentido da existência com a arte de Fulvio Pennacchi. Dessa forma, pesquisar ou dar e assistir aulas deixam de ser produzir textos enfadonhos ou dar e assistir aulas no sentido mais estrito do termo “aula”; o que estava em pauta, tanto nas disciplinas como nos escritos do Prof. Jean, sempre foi um convite (quase uma provocação!) aos leitores, estudiosos

e alunos para entrar em verdadeiros túneis do tempo e vivenciar os sentidos de uma dada época, o ponto de vista de um grande teórico, as bases de um pensamento e suas implicações até os dias de hoje. Sob a batuta desse mestre, aprende-se com a História, a Filosofia da Educação e da Linguagem sobre culturas constituídas ao longo do tempo por diferentes povos e gerações, mas também, muito mais do que o esperado, sobre as perspectivas do presente e os desafios do futuro na Educação e do filosofar, entendido pieperianamente como a indagação: “*what is it all about?*”. Por essa via, a história deixa de ser passado para ser também um presente vivo; o conhecimento deixa de ser arquivo morto e passa a ser recurso de compreensão, fundamentação de posturas e estratégias de mobilização.



Nesse breve parecer pessoal (certamente parcial e incompleto) como testemunha dos 40 anos de trabalho do Prof. Jean, o que fica é a evidência de um diferencial no âmbito existencial e educativo: a convicção desse nosso mestre de que a magia da vida acadêmica (ensino, pesquisa e extensão) deve incidir sobre um processo de formação efetivamente humano. Esse foi e continua sendo o seu compromisso com todos aqueles que puderam conhecê-lo ou ter acesso a seus ensinamentos. Qualquer agradecimento pessoal a ele configura-se apenas como uma redundância de palavras nunca o suficientemente ditas por todos que tiveram esse privilégio.

Trinta anos aprendendo com o *sensei* Jean Lauand

Chie Hirose

(Doutora e pós-doutora pela FEUSP. Alfabetizadora da Prefeitura)

Um professor que descortina horizontes

De variados modos, Jean Lauand tem estado presente em minha vida acadêmica desde 1989, quando ingressei na FEUSP. Já no segundo semestre daquele primeiro ano – como todos os alunos que passaram pela FEUSP até 2009 – iria ter

aulas de História da Educação na Idade Média com o professor de que as veteranas tanto falavam: erudição fora de série; aulas bem humoradas e deliciosas, que transformavam a visão de educação e até da vida etc. Eu, como as colegas, ficava me perguntando como isto seria possível em um curso de “arqueologia” medieval.

O primeiro impacto, já na primeira aula, foi o de abalar o preconceito e descobrir que uma era – dita tenebrosa – poderia ser revisitada e compreendida de forma até revolucionária. As aulas, repletas de exemplos concretos, instigavam-nos a compreender (também no sentido técnico, sociológico), colocando-nos em contato direto com a condição histórica: como fazer uma simples conta de divisão – por exemplo 4837 / 778 – sem os algarismos arábicos (e sem a chave de divisão): MMMMDCCCXXXVII / DCCLXXVIII? O que dizer sobre a dificuldade de escrever com pena sobre pergaminho (e preparar a tinta...) só com letras maiúsculas (a escrita cursiva só seria inventada bem depois...)?

E a mais surpreendente descoberta, inimaginável para nós: supunhamos que nosso tempo é que estava inovando com o lúdico da educação! E, de repente, éramos lançadas na sala de aula de um mosteiro do século IX, na qual as crianças eram desafiadas com brincadeiras, charadas e pegadinhas. Nossas representações da Idade Média caíam por terra. Na aula, aprendíamos rudimentos de latim para poder entrar nos joguinhos pedagógicos medievais. Por exemplo, descobrimos que o latim tem declinações: o final da palavra mudava se ela exercia a função de sujeito, objeto direto etc. E que em algumas declinações, o acusativo (objeto direto) singular terminava em **M**; e o plural em **S**. JL em suas aulas, praticava o ideal de universidade de seus mestres Pieper e Tomás de Aquino: abertura para o todo da realidade (*Offenheit für das Ganze*); a partir de um ponto qualquer, abriam-se os mais inesperados (sensacionais e inesquecíveis) relacionamentos. No caso, JL explicou-nos que, quando as línguas nacionais suprimiram as declinações do latim, tomaram simplesmente o plural do acusativo: em **S**. O italiano é uma das exceções: o plural foi feito a partir do nominativo (sujeito) das 1ª e 2ª declinações. Por isso, no falar paulistano, estabeleceu-se uma média: plural em S nos artigos e sem S nos substantivos. Foi a partir do curso de medieval que entendi o “dialeto” de meu bairro, o Bixiga: “*Na festa da Achiropita, os moço viéro e tiraro as moça pra dançar, enquanto os velho comia as polenta*”.

Para explicar-nos o objeto direto em **M**, JL recorria às charadinhas de Alcuíno, o maior pedagogo do século IX:

Se me lês na ordem certa, comes-me; se me lês de trás para diante, cavalgas-me. Quem sou eu?

— — — — —

[quem lembrasse do M em verbos transitivos diretos já começaria a acertar:]

M — — — M

Resposta: *Malum* (maçã) e *Mulam* (mula)

Outra charada de Mestre Alcuíno, esta para testar vocabulário:

Seis letras tenho e não sou pequeno. Se me tiras a 1ª letra, viro banquete pascal. Se me tiras a 4ª sou um dos que presenteou o menino Jesus. Se me tiras a 2ª, a 3ª e a 4ª, viro um ladrãozinho. Quem sou eu?

Resposta: M A G N U S (grande)
Sem a 1ª letra, A G N U S (cordeiro)
Sem a 4ª, M A G U S (mago)
E finalmente, M U S (rato)

E aí, mais relações. Uma forma de diminutivo em latim é *-culus*, cubículo é um pequeno cubo; corpúsculo, um pequeno corpo e músculo um ratinho (quem malha adquire um “ratinho” no bíceps). E mostrava-nos um gibi em latim do Mickey (*Michael Musculus*)... Para falar da dualidade (bárbaro-romana), com que Hegel caracterizou a Idade Média, o gibi era o “Combate dos Chefes” do Asterix.

JL tinha acabado de lançar seu livro “O xadrez na Idade Média”⁴ e, a partir desse jogo (e de suas regras na época), abria-nos horizontes insuspeitados: que a peça Dama (Rainha) ganhou enorme poder de mobilidade e força, tornando-se a super-peça do xadrez moderno, a partir da figura da Rainha Isabel de Castela etc. JL, quando ninguém falava de “empoderamento feminino”, mostrava-nos também o destacado papel da mulher medieval, apresentando para suas alunas, figuras incríveis, como Rosvita de Gandersheim – a quem simplesmente devemos a re-invenção do teatro no Ocidente – ou a grande educadora Dhuoda etc.

Pedagogia da Admiração

A mesma incrível capacidade de JL de relacionar qualquer tema com a vida cotidiana dos alunos, experimentamos no 4º ano, quando tivemos com ele Filosofia da Educação.

Caíam como uma luva para as teses desenvolvidas em aula, as canções de Paulinho da Viola, Milton Nascimento e tantas outras (inglesas, francesas e italianas). Na época, era muito famosa a sentença de Marshall McLuhan “O meio é a mensagem”, que se aplicava perfeitamente às aulas de JL: aprendemos que nosso ensino deve ser intrinsecamente unido à realidade de nossos alunos. A admiração (a genuína, que se exerce sobre a realidade do dia-a-dia) foi a lente que eu também adotei para meu magistério e que tenho, até hoje, buscado aprimorar.

Nesse sentido, um dos impactos mais profundos foram as aulas (com aqueles projetores de slides da época...) sobre o pintor Fulvio Pennacchi, que tornou o pensamento de Pieper, literalmente, concreto: na brasileiríssima realidade do povo simples, das paisagens, dos cães e dos pássaros, tudo transbordante de *mirandum* (aquilo que causa admiração), suscitando reverência e amor. Eu, na época, era responsável por uma sala de crianças com deficiência intelectual e, sob o influxo do curso de Filosofia, chamei as crianças para a janela, para contemplarem a beleza das borboletas no jardim da escola (em Cotia, na primavera). Elas debruçaram-se e começaram – cada uma – a “ampliar” a “proposta”: “- Olha aquela flor!”, “- Aquela borboleta está dançando!”, “- Olha uma joaninha ali!”... E de repente eles se entreolharam e a experiência acabou em outro plano, a espontânea descoberta da maravilha que é o ser humano: cada coleguinha e a professora, envolvidos por uma torrente de ternura: “- Como você é bonito(a)!”), abraços e beijos! Foi essa experiência que me fez compreender que a Pedagogia da Admiração transcendia os limites da “normalidade” da razão! E que também era Pedagogia da Inclusão, pois todos eram acolhidos nessa dimensão fundamental do ser humano. Foi um marco definitivo em minha formação de educadora.

⁴ LAUAND, L.J. **O xadrez na Idade Média**. São Paulo: Perspectiva Edusp, 1988.

A filosofia da arte de Tomás de Aquino fascinou-me a tal ponto que, por minha conta, fui visitar a Igreja de Nossa Senhora da Paz, no Glicério, toda ela obra de Fulvio Pennacchi. Ante as pinturas, esculturas e afrescos, sentada em um daqueles bancos rústicos de madeira, contemplava a figura de Maria, representada como uma humilde mulher do campo, aconchegando o filho em seu regaço, a gente simples do povo no céu com os anjos, o São Francisco com os pássaros..., entrava pelos poros a mensagem fundamental: o segredo do conhecimento não estava nas intrincadas elucubrações de rebuscadas teorias, mas na manifestação do Simples. E me enchi de orgulho de que esta verdade estava amparada pela filosofia que eu tinha aprendido na mais importante faculdade da América Latina.

Acho importante uma citação mais longa (do livro “Revelando a Linguagem”)⁵, porque ilustra tanto o valor do simples como também uma constante em todas as aulas de JL: as análises etimológicas que deslumbravam os alunos. Nossa turma teve o privilégio de analisar detidamente essa etimologia de *simplex*:

Simplex, simples era, para os antigos, um grande valor. Ser simples era uma importante qualidade: o próprio núcleo da virtude cardeal da *prudentia*, classicamente a capacidade de tomar decisões acertadas, com base na límpida visão da realidade (*simplicitas*). Hoje, temos dificuldade de apreciar esses valores; para nós, simples tem acepções pejorativas: “aquele que só possui conhecimentos rudimentares”, “aquele que é pobre, que não possui recursos materiais”, “crédulo” (Houaiss); “vulgar, comum, ordinário”, “papalvo, tolo, crédulo, simplório, simplacheirão”, “sem instrução; ignorante” (Aurélio).

Simplex era a visão límpida, não comprometida, do real. O original grego do famoso versículo do Evangelho não fala em puro, bom etc. mas em simples (*haplous*) Mt 6,22: “Se teu olho for *simples*, todo teu corpo será luz”. Na análise etimológica de Tomás de Aquino, interpretando esse versículo, encontramos: “*simplex, idest sine plica duplicitatis*”: “simples, ou seja, sem a *plica* da duplicidade”.

Plica em latim é dobra, face, *prega* (como as pregas da saia ou da cortina). Quando algo está envolto em dobras é com-plicado. “Para fora” em latim é *ex-* (ex-portar, ex-pelir, ex-onerar etc.). Tirar para fora das plicas, das dobras é ex-plicar. E quem está envolvido nas plicas é cúm-plice; já um filme cru (sem dobras que escondam), traz cenas ex-plícitas. Su-plicar é pedir de joelho dobrado.

A etimologia de simples (do latim: *simplus* ou *simplex*) remete, na primeira parte da palavra (*sem*) a *semel*: um só; daí: uma só face (como em alemão: *Einfach*), sem dobras.

Também parece razoável que o nosso “chegar” (pl=ch) seja simplesmente “plicar”. Pois, tal como ocorre em outras línguas, o chegar é náutico, atingir margens (*ar-river*). Ora, quando o navio atinge o destino, a ordem é “plicar”, dobrar as velas porque chegamos. Daí, aplicar uma prova (ou uma injeção etc.) é fazê-la chegar ao aluno (ou ao braço) etc. Implicado é algo ou alguém que está nas dobras do caso – e é o mesmo que o *empregado*, enrolado nas plicas da empresa... Já replicar é a volta, que mostra outra face da questão.

⁵ LAUAND, Jean **Revelando a linguagem**. São Paulo: Factash Editora, 2016. <http://www.jeanlauand.com/RevelandoaLingPort.pdf>. Também em LAUAND, Jean **Filosofia, linguagem, arte e educação: 20 conferência sobre Tomás de Aquino**. Coleção Humanidades. São Paulo: Factash Editora, 2007 (<http://www.jeanlauand.com/FilosofiaArte.pdf>)

Após termos multiplicado um pouco os casos em que aparecem as plicas, voltamos à simplicidade, como característica da visão intelectual do homem reto: visão límpida, insubornável, “que não se acumplicia jamais” (como no discurso da presidenta Dilma) nem se deixa implicar nas distorções da duplicidade, inveja, ciúmes, preconceito, interesses escusos, egoísmos etc.

Estas recordações não são a idealização romantizada dos “bons tempos de estudante”: são a memória fiel de um passado realmente significativo. Tão real que as recordações das aulas de JL são, até hoje – passados mais de 30 anos – pauta “obrigatória” nos encontros (quase) anuais da turma, que leva o nome “Jean Lauand” (algumas recordando que tirávamos até nota 11,0!, o que afastava inseguranças e dava uma duradoura auto confiança). Nas formaturas, em geral, escolhe-se como Patrono algum grande nome da área: Niemeyer para arquitetura, Bernardinho para Educação física etc. Em nosso caso, por unanimidade, o Patrono era da casa: JL. E naquele ano, 1991, a reitoria da USP estabeleceu um prêmio “Professor do Ano”, indicado, em cada Faculdade, por sua Congregação. No caso da FEUSP, a Congregação teve que homologar nossa escolha...



Abro aqui um parêntese para falar da introversão de JL, já proverbial naquela época. Tendo sido distinguido 20 vezes em formaturas da FEUSP, soube muito depois (em fofocas dos intervalos dos Seminários do Cemoroc), que ele ia na véspera da Cerimônia, visitar o auditório para estudar rotas de fuga no dia seguinte. Eu, que queria muito uma foto daquele dia, e já intuindo esses estratagemas, deixei meus parentes avisados para que esperassem e consegui interceptá-lo a tempo: guardo com carinho a foto com meu Patrono.

Sobre a introversão, JL publicou em 2004 um delicioso artigo, “A ditadura da extroversão”: <http://www.hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Hoje, buscando no Google, vejo que a expressão já se tornou lugar-comum e muitos nem citam quem a

cunhou (a propósito, em 2014, publiquei uma entrevista com JL sobre plágios que seus escritos sofreram <http://www.hottopos.com/convenit14/19-26ChieElie.pdf>).

Um espaço para o pensamento oriental: o concreto e o corpo

De tão arraigada que está, muitos nem reparam que nossa educação escolar é feita em um viés, digamos, ocidental. Para facilitar a percepção deste fato, tão onipresente e, portanto, quase invisível, apresento um exemplo de uma vivência que tive quando aluna do 7º ano. Meu professor de português (que também era advogado) propôs uma redação sobre o significado das cores de nossa bandeira. Para minha surpresa, ao entregar os trabalhos, chamou-me para dizer que meu texto estava fora de foco. “– Por que, professor?”. “– A cor branca não estava em pauta, pois branco não é cor!”. Tivemos uma discussão porque, para mim, o branco era parte importante do conjunto. Do (meu) ponto de vista oriental, o que não é visível era indissociável das “cores” nacionais. Por mais que eu insistisse, ele simplesmente não entendeu nada do meu ponto de vista e me advertiu para sempre manter o foco de uma redação e não “fugir do tema”. Com meus 14 anos, não podia competir com a retórica do experimentado jurista e amarguei o único C da minha vida escolar.

Se o ocidental – sempre tipicamente falando – fala de uma tristeza que vivenciou, falando de suas causas e efeitos, a sensibilidade oriental prefere indicá-la em elementos concretos que a circundam, como nos versos em que Tom Jobim fala de sua própria angústia: “é o vento ventando, é a chuva chovendo, é um resto de toco...”.

JL, ao resgatar as raízes da cultura antiga em suas aulas, aproximou-se dessa forma de ver o mundo e, anos depois – com seus estudos de árabe e dos Orientes –, aí já plenamente oferecia-nos um enorme espaço de conforto intelectual para quem quisesse romper os limites do viés ocidental: seus inovadores estudos sobre o sistema língua/pensamento (Lohmann⁶), o “pensamento confundente”⁷, a voz média etc. foram importantes contribuições para essa autêntica libertação intelectual. Acho que não foi por acaso que orientou dissertações e teses de professores de chinês (da USP e fora dela), de mestrados em cultura árabe etc. Depois dessas aulas e textos de JL, eu já teria alguma coisa a dizer ao Prof. Denis (acabo de me lembrar do nome dele!).

O concreto – não as montagens abstratas nem as elucubrações teóricas – é a chave do ensino dos Orientes. Em um exemplo do próprio JL, enquanto o ocidental diz, em nível maximamente abstrato (o feio, o bonito) “Quem o feio ama, bonito lhe parece”, o provérbio árabe mergulha no concreto: “O macaco, aos olhos da mãe, é uma gazela”. Em vez de “o feio”, “o bonito”, “o amar”, temos macaco, gazela, olho de mãe. Quando digo que a educação escolar brasileira instala-se em um viés ocidental – o que foi para mim particularmente desconfortável (pois estava na contra mão da formação oriental que recebi em casa desde o berço), quero dizer, entre outras coisas, que ela se pauta mais por adjetivos substantivados e não por macacos e gazelas.

Hoje, como alfabetizadora de escola da prefeitura, tenho reparado que as crianças com dificuldades de aprendizagem e que são filhos de pais analfabetos sentem, de modo particularmente acentuado, o incômodo de ter que lidar com enunciados de rebuscada elaboração redacional dos livros. E percebi que sua cultura “de casa”, a oral, está muito próxima do modo de ensinar dos Orientes. Felizmente, já

⁶ LOHMANN, Johannes. Ma’na e Logos-estruturas linguísticas e formas de pensamento in Notandum 31, CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto 2013. (<http://www.hottopos.com/notand31/index.htm>)

⁷ LAUAND, Jean. Bom samaritano, bom estalajadeiro ou bom assaltante? – O Evangelho à luz dos “se” semitas CASTRO, Roberto C. G. **O Intérprete do Logos** S. Paulo: Factash, 2009. (<http://www.jeanlauand.com/Interprete.pdf>)

em minha formação como pedagoga, tive um professor que me preparou para os valores da cultura popular – os orientais *amthal* (provérbios, parábolas, anedotas, teatro saltimbanco etc.) da Idade Média e dos Orientes. Tendo em minhas salas, refugiados da África, emigrantes bolivianos, chineses, nordestinos etc, essa interface (Oriente/Ocidente) é de inestimável valor para meu trabalho docente. E devo isto ao Jean e a seu Cemoroc.

Outro momento memorável do Cemoroc foi quando em 2017 dois professores titulares da USP – Aida Hanania, o maior nome dos estudos árabes em nosso meio acadêmico, e JL – foram dar uma série de conferências sobre língua árabe para nossos alunos surdos (minha escola é polo de referência nessa inclusão). Houve profunda emoção e até euforia por parte desses alunos e de seus professores quando constataram que a língua árabe é imensamente mais concreta do que nossas línguas ocidentais: igualzinho a Libras! Isto porque tiveram a mesma sensação de libertação que eu também experimentara (com as aulas de JL): saber que meu modo de situar-me no mundo e de perceber a realidade não era, na verdade, errado ou bizarro, mas simplesmente diferente e portador de seus valores próprios e específicos. E mais: ter este fato homologado por intelectuais do porte de uma Aida e de um JL.



Alunos surdos da EMEFM Vereador A. Sampaio. Jean Lauand e Aida Hanania; e a Profa. Renata Ferreira Santos Francisco (professora de Libras)

Os Orientes ensinam com o corpo. O Ocidente, aprisionado na divisão cartesiana mente/corpo, encaminhou sua educação para a mente. Quando quis fazer o doutorado na FEUSP com JL, escolhi o tema do *Chado*, o potencial educativo da cerimônia do chá. A sintonia foi imediata: neste ponto os Orientes se identificam. Em vez de longos discursos teóricos sobre a humildade e o respeito ao outro como base da convivência e da paz, os requintados atos corpóreos do *Chanoyu*: desde a porta baixa de entrada (que, pelo corpo, sutilmente conduz à humildade de abaixar-se, até o modo de oferecer o chá – de baixo para cima, por reverência ao outro – passando por mil outros detalhes cerimoniais envolvendo o corpo).

É o que JL sempre nos ensinava e que se resume na genial sentença de Guimarães Rosa: “Tudo se finge primeiro; germina autêntico é só depois”.

O papel humano do educador

Ter JL como orientador (é o testemunho unânime de seus orientandos) é, certamente, antes de mais nada, ter um sólido referencial de segurança acadêmica: de

rigor metodológico, de pertinência bibliográfica etc. Mas o que quero destacar aqui é algo igualmente importante: as qualidades humanas do orientador.

Primeiramente, um otimismo incorrigível. Por mais principiante (ou naturalmente pessimista...) que seja o orientando, ele sempre se contagia pelo entusiasmo e alegria com que JL acompanha seu trabalho. Nosso esforço é reconhecido, aplaudido e recompensado: as sessões de orientação costumam ser conversas (por vezes longas...) no (antigo) Clube dos Professores da USP, no Estância, no Senzala etc. e – *noblesse oblige* – a conta é por sua conta (não é para abusarem, viu?). “O Jean não indica bibliografia, ele dá os livros” é o que diz Gabriel Perissé, em um vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=LoyZzevGzu8>, minuto 8) no qual conta como foi o seu contato com a obra de Alfonso López Quintás, tema de doutorado na FEUSP que lhe foi sugerido por JL: “Ele abriu o porta-malas do carro dele e estavam lá 30 livros do ALQ: ‘Eu trouxe para você da Espanha!’”. Hoje, Perissé é o representante do Instituto ALQ no Brasil e o editor de suas obras. Além de (co)fundador de nosso “Instituto Jean Lauand”.

Quando fui fazer o pós-doutorado sobre David Keirse e perguntei sobre a bibliografia, ocorreu algo parecido: “Chie, eu vou ter que orientar trabalhos sobre Keirse e, como importar livros é sempre problemático, eu já comprei por atacado e este kit aqui é para você...”. Definitivamente, nosso orientador não é deste planeta.

Por falar em Keirse, JL é basicamente um tipo ISFP, para os não iniciados: generoso ao extremo, otimista, tem pouca tolerância para esperas e “mete as caras e resolve”. E, ainda segundo Keirse, “has to be the kindest of all the types with no near competitors”. Imaginem isto potenciado pela tradição árabe... Daí que, por exemplo, na contramão da “praxe”, nos artigos em parceria, JL põe a mão na massa, em vez de apropriar-se do trabalho do orientando, muito pelo contrário... Em seu trabalho de orientador, acontece o mesmo que quando JL passa a integrar alguma instituição: de repente, antes de que os demais reparem (atordoados pela velocidade...), começam a surgir mil iniciativas, publicações, eventos etc.

Isto, a que os orientandos de JL podemos nos acostumar e até achar normal, é algo raríssimo no meio acadêmico (que se proclama democrático, mas que, por vezes, mantém ciosamente suas arrogâncias, hierarquias, poderes e distâncias). Minha experiência no mestrado e doutorado no Japão foi de um autêntico feudalismo, onde presenciei orientadores (locais ou formados nas melhores universidades americanas e europeias...) humilhando publicamente seus vassalos.

Sob sua orientação, somos também levados pela mão (quase literalmente...) ao encontro de grandes personalidades do meio acadêmico nacional e internacional, como se fosse a coisa mais natural do mundo: são amigos do Jean... e, portanto, amigos nossos. Produz-se, naturalmente, um ambiente de alegre confiança mútua (e respeito), de *ilusión*, sem barreiras “hierárquicas” e de autêntico intercâmbio e crescimento, (insuspeitado, ou nem tanto...) fruto da admiração que todos temos pelo mestre. Cria-se, assim, um maravilhoso “círculo” de convivência, que é – para além dos conteúdos científicos – um estilo, um legado que nos marca por toda a vida.

Educação como missão: Boécio

Um encontro inesquecível e indelével foi com “o educador” da Idade Média, Boécio.

As aulas de medieval do Jean eram centradas em temas ligados a figuras históricas. Cada semana era um “filme” novo, com personagens que o JL parecia conhecer pessoalmente. Logo nas primeiras semanas, Agostinho e seu inflamado amor

e arrebatadora retórica. Contagiavam-nos seus sermões (instância altamente educativa na época), alguns dos quais JL estava traduzindo e publicando naquele mesmo semestre. Participávamos, por exemplo, de sua dor de cidadão romano (e de um Império cristão) no sermão sobre o saque de Roma pelos bárbaros em 410. Alguns voluntários da classe arriscavam “encenar” trechos de sua pregação em latim, com as devidas pausas e ênfases:

Horrenda nobis nuntiata sunt; strages factae, incendia, rapinae, interfectiones, excruciationes hominum. Verum est, multa audivimus, omnia genuimus, saepe fleuimus, vix consolati sumus; non abnuo, non nego multa nos audisse, multa in illa urbe esse commissa.

(Ouvimos falar de coisas terríveis: ruínas, incêndios, roubos, matanças, de pessoas submetidas a toda a sorte de violência. É verdade, ouvimos muitas coisas, por todas elas nos lamentámos, muitas vezes chorámos, dificilmente poderemos ser consolados; não contesto, não nego que ouvimos falar de todas as atrocidades que naquela cidade foram cometidas.)

Depois, Isidoro de Sevilha e suas etimologias, adaptando para nós o “jogo das diferenças”, que Isidoro usava com seus alunos. Tratava-se de diferenciar palavras “sinônimas” ou quase, como “importante” e “urgente” (“ter uma boa conversa com você é muito importante, mas urgente mesmo é que eu vá ao toilette”). De vez em quando, proponho a meus alunos do Fundamental I o velho jogo das diferenças: “qual é a diferença entre casa e lar?”

E assim por diante, tudo muito vivo e interessante. Mas o raio fulminante veio quando chegou a vez de Boécio (morreu em 525), que mudou minha vida.

Boécio era um romano nobre e cultíssimo que aceitou o papel de educador na corte do rei Teodorico, para educar os bárbaros, não só analfabetos, mas ágrafos! Em vez de ficar lamentando o fim do Império Romano no Ocidente ou de viver plenamente sua vocação intelectual no Oriente, optou pelo martírio (que viria a ser literal) de tentar ensinar algo aos bárbaros, agora a nova realidade na Europa. Como dizia JL, era como se o maior *scholar* do mundo aceitasse largar tudo e ir ensinar rudimentos na Vila Nhocunhé.

Boécio sabia que para preservar a cultura greco-romana nesses novos e sombrios tempos, a única maneira seria sacrificá-la, reduzindo-a a uma compilação de resumos traduzidos das artes liberais, que ele expressava em um desabafo: “Ainda que resumida e precariamente, ao menos aí está um material básico”. Apostilinhas elementaríssimas – de geometria, aritmética, música etc. – somente para manter acesa uma chama, que só viria a ativar-se mais de 500 anos depois. Sem Boécio, não teríamos talvez Euclides, Aristóteles etc.

Só de lembrar isto aqui nesta narrativa, emociono-me. Na aula, JL nos contava como Boécio acabou executado, o que era previsível: um católico numa corte de arianos, um romano numa corte de ostrogodos, um expoente da cultura grega em um reino ágrafo... Seu livro na prisão, esperando a terrível morte é o “Consolação da Filosofia”.

Por ser esta, uma ocasião especial de homenagem a JL, permitir-me-ei uma confidência, que não me atreveria a fazer em situações normais, porque alguns (tolamente) poderiam tomar-me por presunçosa.

Nesse dia da aula sobre Boécio, voltei para casa cheia de gratidão a esse sábio e com orgulho de ter recebido a cultura que ele preservou para nós. Para a classe, era

evidente que, guardadas as devidas distâncias, o professor era o nosso Boécio, empregando a mesma metodologia do “último romano”... E eu, na limitação de minhas modestas possibilidades, resolvi também – guardadas as infinitas distâncias... – empenhar-me em seguir aquele grande educador.

Quando me perguntam por que, sendo “minha praia” a de alfabetizar crianças na escola pública (já há mais de vinte anos), insisto em continuar aprimorando – no Brasil e no exterior –, minha carreira acadêmica (por exemplo com dois pós doutorados), um de meus botões sussurra: “Boécio está sorrindo...”.

Designei meu mestre JL como *sensei* pois, mais do que um mero professor (as conhecidas pesquisas apontam o Brasil tristemente no último lugar mundial de respeito aos professores), é na tradição oriental (infelizmente, hoje, também em declínio) que a apreciação, a reverência e a gratidão melhor se expressam. Meu pai, aos seus 78 anos (e há 50 anos no Brasil), em uma de suas últimas viagens ao Japão, agendou uma visita de gratidão e de veneração, junto com seus colegas da época, à sua anciã *sensei* de 1ª série primária. Imagino a alegria da professora e dos seus antigos alunos! É com essa gratidão e com um profundo gesto de reverência que encerro estas lembranças.

Arigatô gozaimasu, sensei.

São Paulo, novembro de 2019.

Aos nossos depoimentos integralmente transcritos, acrescentamos alguns excertos de intelectuais que, aqui, se juntam à homenagem prestada a Jean Lauand. Se, por um lado, eles fortalecem nossos esforços para expressar a grandiosidade do grande mestre, por outro, elas representam as vozes de tantos outros – amigos, colegas, (ex)alunos, (ex)orientandos, pesquisadores, pensadores e estudiosos - que foram iluminados pelo brilho dessa estrela maior, JL. Assim, o que fica aqui é certamente a admiração e o reconhecimento de toda a constelação.

Um pensador aberto à comunicação

Alfonso López Quintás

(Catedrático da Universidade de Madri e membro da Real Academia Espanhola de Ciências Morais e Políticas)

Estamos diante de uma figura de professor de amplo espectro, que dá à sua tarefa docente uma projeção tão profunda quanto vasta. O Dr. Lauand está bem ciente de que a luz não deve ser “posta debaixo do alqueire”, e sim sobre os mais altos telhados, para o bem de muitos. Assim, não apenas os frutos de sua própria pesquisa, mas também os de numerosos colegas alcançam uma difusão que ultrapassa amplamente os recintos acadêmicos. Com isso, o ensino superior alcança áreas de influência até há pouco tempo inimagináveis. Para mim, é uma grande satisfação e uma honra colaborar na homenagem que se presta ao Dr. Jean Lauand.

Entre o perene e o temporal

Alexander Fidora

(ICREA, Institució Catalana de Recerca i Estudis Avançats. UAB)

Daí, a fisionomia tão característica do pensamento de Jean Lauand: uma mescla entre a tradição e a abertura, entre o perene e o temporal, traduzida também em seu estilo, que reúne a precisão da palavra escrita com a vitalidade da expressão oral.

É essa mestiçagem, por assim dizer, que faz de seu pensamento um pensamento *sui generis*: não somente humanista, e sim realmente humano, na medida em que nele todo homem, ou seja, cada um de nós, se descobre em sua imanência, ao mesmo tempo em que, a partir dessa mesma limitação, nos é aberta a possibilidade de transcendência.

A filosofia de Jean Lauand, sem dúvida, mostra uma grande erudição, mas não quer ser – e não é – unicamente isso; sua filosofia é, assim como este livro, um convite a participar da sabedoria, a entrar em um diálogo com a sabedoria da linguagem humana e a sabedoria do Verbo.

Em diálogo com Jean Lauand

Miguel Ángel García Olmo

(Doctor en Antropología y licenciado en Derecho y Filología Clásica. Escritor)

Além disso, há o seu trabalho como editor e coordenador de produções multidisciplinares e plurilinguistas, em que Jean tem sido capaz de reunir trabalhos e colaborações de autores procedentes de dezenas de prestigiosas universidades e centros de ensino superior, nos dois lados do Atlântico. O elenco de bem elaboradas revistas que soube produzir, de perfil ao mesmo tempo moderno e clássico, digitais e impressos, com conteúdos de ponta e sonoros títulos latinos, impressiona a todos os que acessam o seu portal na internet. (...)

Apenas três anos depois da aparição em língua portuguesa da antologia antes mencionada, chegou a desejada edição espanhola, publicada por nada menos que Ediciones Del Orto, editora relacionada com a distintíssima Sociedad Española de Estudios Clásicos, cujas opiniões gozam de amplo eco no mundo educativo e cultural hispânico. Essa edição contém nove conferências recentes, mas já clássicas, de Jean Lauand, adaptadas ao leitor espanhol, algumas das quais haviam causado por si mesmas um considerável impacto entre o público culto da Espanha. E isso não é exagero nem amável hagiografia: uma delas, “Mother Mary comes to me – La radical inseguridad de la condición humana”, mereceu grandes manchetes e quase uma página inteira de análise num dos jornais madrilenhos mais lidos na Península.

LA RAZÓN
digital

miércoles 14 de noviembre de 2001

RELIGIÓN

Polémica con «Let it be» que podría ser un canto a la Virgen

José Ángel Agejas - Madrid.-
Jean Lauand, catedrático de filosofía de la educación de la Universidad de Sao Paulo, ha publicado un artículo en el que defiende que la canción «Let it be» de Paul McCartney, que da título al último álbum de los Beatles, es una oración a la Virgen María.

Canción religiosa

El ex componente del grupo ha explicado que el origen de esa canción está en una visión que una noche tuvo de su madre, María, muerta cuando él tenía 10 años. Pero la canción sigue en el disco a otra, titulada «Lady Madonna», dedicada a las mujeres trabajadoras de Liverpool, pero que, como el mismo Paul contó en una entrevista, la mayoría de las mujeres trabajadoras que él conocía en Liverpool eran católicas y había una gran vinculación entre ellas, sus hijos y la Virgen María, «por lo tanto, el concepto original era la Virgen María como símbolo de toda mujer, la imagen de la Madonna aplicada a la mujer trabajadora. Es realmente un tributo a la figura de la madre». Según este profesor brasileño, es desde esta clave como hay que leer la letra de «Let it be», que no significa sólo «déjelo estar», como muchos traducían, sino también «que así se haga», puesta que es en inglés la expresión del «hágase» de María ante el anuncio del ángel. La madre le repite a lo largo de la canción constantemente ese lema: «Let it be». La canción se iba a titular en un inicio «Mother Mary», y según él mismo confiesa, «la hice como algo casi religioso».

Una letra espiritual

Lauand hace una lectura del contenido de la canción. La primera estrofa empieza describiendo que «cuando me encuentro en momentos de tribulación, Mother Mary viene a mí, diciendo palabras de sabiduría (...) Y en la hora de la oscuridad ella se alza ante mí, diciendo palabras de sabiduría, susurrando palabras de sabiduría». Esas palabras, «Let it be», «hágase» según este profesor, expresan la sabiduría por excelencia de María, la imagen de toda mujer.

Paul McCartney atravesaba en aquellos momentos por unas dificultades muy especiales, como él mismo confiesa en una entrevista: «Era un período muy difícil. John estaba con Yoko todo el tiempo, y nuestra relación estaba empezando a derrumbarse: John y yo atravesábamos un período muy tenso. La ruptura de los Beatles se asomaba en el horizonte y yo estaba muy nervioso. Personalmente era una época muy difícil para mí: las drogas, el stress, el cansancio y casi todo empezaba a pasarme su peaje.»

Música para la esperanza

La canción «Let it be» concluye con una invocación a la esperanza para todos los que sufren: «Aunque se separen/ sigue habiendo una posibilidad de que comprendan/ de que habrá una respuesta, hágase».

Obrigado, Jean Lauand

João Relvão Caetano

(Pró-Reitor para o Desenvolvimento Institucional e os Assuntos
Jurídicos da Universidade Aberta – Portugal)

Em Jean Lauand misturam-se, de forma invulgar, a inteligência, a coragem e a generosidade com que se dá a conhecer ao mundo, assim como a ternura (oh, meu Deus, a forma como este homem me escreve um simples email é exemplar!) e a força com que luta pela justiça. As suas palavras tocam o coração da humanidade e, por isso, tocaram o meu, com conseqüências na minha vida. Fundador da prestigiada revista Língua Portuguesa, o meu amigo é um exímio cultor do nosso idioma comum, que liga a todas as circunstâncias da vida, da música à ciência ou ao futebol. É impressionante a forma como cada palavra que usamos ganha sentido na sua boca. É que não são apenas as suas palavras, mas as palavras todas e de todos.

Recebido para publicação em 12-02-21; aceito em 27-02-21